

Drama de pai

O pensamento agonizado de Paulo Silva nos buscava de longe... Antes de nossa desencarnação, conhecêramos nele um menino terno e amigo.

Esperava-nos, na vizinhança, pela manhã, para dar-nos abraço eternecedor. Agora, tanto tempo escoado, seria um homem maduro.

Sim, ao revê-lo, no limiar dos cinqüenta de

idade, espantávamo-nos ao identificar-lhe os cabelos brancos, o corpo em terrível abatimento, o olhar embaciado de lágrimas, os gritos de louco...

Que teria ocorrido para motivar-lhe a tragédia?

A resposta vinha em grosso diário paterno, carinhosamente guardado em mesa próxima, do qual respigamos tão-somente alguns tópicos mais importantes e que alinhamos aqui, a título de estudo:

18-11-1950 - Sou
pai, como sou feliz!...
Recebi meu filho
hoje nos braços... Meu
filho!... Combinei com
minha mulher, concorda-
mos em que terá o meu
nome. Será chamado
Paulo Júnior.

20-2-54 - Minha
mãe julga que Cecília e
eu devemos encomendar
mais filhos. Não quero.
Conservarei apenas
meu Paulinho, meu iddo.
Terá ele tudo o que a
vida não me deu...

5-3-57 - Que feli-
cidade ver Paulinho na
escola! Uma inteligência!...
Comprei hoje, em
nome dele, duzentas
ações de uma compa-
nhia respeitável, inver-
timento valioso na
indústria.

18-11-58 - Aniversário
de meu filho. Adquiri para
ele uma gleba de vinte mil
metros quadrados em
Jacarepaguã. Terreno de
grande futuro.

11-5-1960 - Aproveitei
a situação de dois ami-
gos que estavam com a

corda no pescoço e comprei
para meu filho duas casas
em ótimo ponto da Tijuca.
Negócio de ocasiões.

14-8-1960 - Sonhei
com meu pai, morto há
vinte anos. Coisa esquisita!
Pedia-me pensar nas crian-
ças abandonadas, nos filhos
sem ninguém, nos peque-
nos ao desamparo. Acres-
centava que eu posso e
devo amar meu filho, mas
sem esquecer que todos
somos filhos de Deus e
que o mundo está repleto
de criaturas necessitadas

a suplicarem socorro...

Despertei assustado.

Isso tudo, porém, é bobagem.

Os mortos estão mortos.

Preciso cuidar do futuro
de meu filho e de nada mais.

15-4-1961 - Vira a boa
sorte!... Duas viúvas em
aperto me venderam as
residências por ninharia.
Verdadeiras mansões!
Escrituras lavradas
em nome de Paulinho.
Meu filho será um
grande proprietário.

17-6-1962 - Mais
terrenos para meu filho.

Duas glebas em Teresopolis.

19-7-1962 - Adquiri quatrocentas ações, em nome de Paulinho, de indústrias têxteis do interior de Minas Gerais.

20-1-1963 - Freiras de um asilo vieram pedir-me socorro, em favor de meninos órfãos. Não dei coisa alguma e nem dou. Meu filho não será prejudicado por desfalques de caridade.

22-2-1964 - Os espíritos que constroem um abrigo para crianças va-

dias chegaram em comissão, rogando auxílio.

Achei-lhes uma graça! Minha resposta foi não, como sempre. Tudo o que me vier às mãos será de Paulinho.

18-11-1965 - Quinze anos. Belo e feliz aniversário de meu filho! Adquiri para ele, hoje à tarde, boa fazenda no interior fluminense.

20-11-1965 - Sonhei novamente com meu pai, dizendo-me para não esquecer-me do ensinamento

evangélico que indica na
caridade a força capaz de
cobrir as nossas faltas e
renovar o nosso destino.
Lembro-me perfeitamente das
palavras dele, afirmando
que é preciso ajudar aos
que sofrem na Terra para
receber o auxílio dos que
moram no Céu. Tólices!...
Acredito que a conversa dos
espíritos, anteontem, me
influenciou negativamente.

31-12-1966 - Adquiri
mais duas casas para
meu filho. Pechincha com
que eu não contava.

4-3-1967 - Paulinho
brilhando nos estudos
secundários. Que carreira
seguirá? Acima de tudo,
quero que seja um ho-
mem rico. Não acredito
em poder superior ao
poder do dinheiro.

6-4-1967 - Comprei
dois carros para meu
filho, um para a cidade,
outro para a fazenda.
Os quatro automóveis de
que dispomos em família
já não me parecem dignos
dele.

18-11-1967 - Novo
aniversário de Paulinho.

Adquiri quatro aparta-
mentos em nome dele.
Quero meu filho cada vez
mais rico, sempre mais
rico.

30-1-1968 - A fortuna
de meu filho, conforme o
balanço último, já ultra-
passa de um bilhão de
cruzeiros velhos, segundo
as anotações de meu conta-
bilista.

19-4-1968 - Meus
tios Arlindo e Antonio
pediram-me auxílio, decla-
rando-se em penúria.
Neguei. Tenho meu filho
para cuidar.

22-1-1970 - Meu
Deus! Meu Deus!...
Paulinho está no hospital,
em estado grave!...

Aqui terminava as
anotações. O resto era a
provação à frente de nos-
sos olhos.

Paulo Silva que con-
centrara no filho único
imensa fortuna, e que, por
isso mesmo, se negava a
atender a quaisquer apelos
da beneficência ou da
cooperação fraternal, pro-
fundamente desequilibra-
do assistia, junto de nós,
à saída do filho morto,

que desencarnara, em plena juventude, vitimado pela hepatite.

Irmaão X

Rogativa maternal

Meus filhos.

Não me perguntem por aquilo que mais desejo.

Agradeço as flores e as lembranças preciosas, entretanto, se algo posso pedir, rogo a vocês para serem retos e bons.

Cuço-ther, affita, as palavras de cansaço e desilusão! Vocês falam em tédio e angústia, desânimo e desconforto como se o trabalho não mais nos